

NACH PORTUGALIS SIROT UND KORN

Portugueses e Portugaleses na Europa da Hansa

PARTE I - Amoedações de Hamburgo, 1553-1692

António Miguel Trigueiros

Introdução

Quando comecei a preparar a exposição de moedas e de medalhas que iriam figurar na XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, uma organização sob a égide do Conselho da Europa que teve lugar em Lisboa em 1983, subordinada ao tema “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”, estava longe de prever o impacto que uma pequena secção dessa mostra teria na opinião pública nacional e internacional, desde os círculos universitários e académicos, aos colecionadores e aos grandes museus de numismática.

Foi no âmbito dessa magnífica exposição multifacetada, que revolucionou o conceito museológico em Portugal e a cujo comissariado presidiu o Dr. Pedro Canavarro, com a ajuda de uma plêiade de técnicos museólogos e de especialistas em todas as áreas da memória histórica, que em Junho desse ano teve lugar um importante congresso internacional, dedicado ao mesmo tema e no qual participei com uma comunicação sobre a “Moeda dos Descobrimentos, Prestígio de Portugal no Mundo”, cujo texto e imagens dei à estampa no ano seguinte numa pequena edição de autor.¹

Não me esqueço da impressão que me causou estar num grande anfiteatro da Fundação Gulbenkian, com a sala repleta e a transbordar pelas coxias, de historiadores, professores e alunos, e do enorme silêncio que se seguiu ao início da minha apresentação. À medida que ia lendo o texto e comandando a projecção dos diapositivos em duas máquinas paralelas, senti aquela impressão extraordinária que só acontece quando um orador prende a atenção do público e sente a audiência suspensa das suas palavras. Durante quase meia hora ninguém falou, qualquer tentativa de comentar para o lado era logo seguida de um *shiuu* imperativo, que não me passou despercebido.

¹ A edição de 1983 dessa conferência, bem como parte da minha colaboração nos catálogos dos vários núcleos da XVII Exposição, encontra-se digitalizada e pode ser livremente consultada e copiada no editor digital www.estudosdenumismatic.org. Ainda subsistem alguns exemplares em papel dessa edição original de 1983, disponíveis a pedido na revista *Moeda*.

Quando terminei, com aquela ousada tirada de querer corrigir o nosso épico, mas sempre pouco endinheirado, Luís de Camões, foi reconfortante receber uma ovação tão forte quanto sentida dessa audiência, formada pelos grandes especialistas da nossa história, mas que nunca antes tinham ouvido falar do prestígio internacional gozado pelos portugueses de ouro de D. Manuel I e dos portugalóides europeus que os copiaram.

Depois vieram outras palestras sobre o mesmo tema, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na Conferência “Os Portugueses e o Mundo” (Porto, 1985); no Museu Cultural da África do Sul (Cape Town, 1988), especialmente organizada para os representantes diplomáticos estrangeiros por ocasião das comemorações dos 500 anos da descoberta europeia da África do Sul por Bartolomeu Dias; e no Centro de Exposições Rosemont O’Hare (Chicago, EUA, 1991), organizada pela Associação Numismática Americana, que a publicou no seu órgão informativo “The Numismatist”, de Novembro desse ano (vol. 100, nr. 11). Uma versão muito condensada, mas com fotografias de superior qualidade, foi publicada no livro *Moedas Portuguesas na época dos Descobrimentos 1385-1580* (ed. Alberto Gomes, 1992), facto que potenciou a sua divulgação internacional.

Todos esses eventos permitiram-me contactar com outros especialistas europeus, principalmente alemães, que muito me ajudaram a consultar as fontes coevas que falavam dos “portugalösers” e da sua popularidade nas cidades dos mercadores hanseáticos. Particularmente significativo foi o contacto então estabelecido com museus detentores dessas moedas de ouro, que de comum entre si tinham no reverso a grande cruz da Ordem de Cristo, e uma bem expressiva legenda indicando de que tinham sido cunhadas «Conforme o justo peso e a liga da moeda de Portugal». Algumas dessas moedas são inéditas e irão ser divulgadas pela primeira vez na segunda parte deste artigo.

Na altura da XVII Exposição Europeia, nenhuma colecção numismática nacional, pública ou particular, detinha qualquer exemplar desses portugalóides europeus, com excepção daquele chumbo carimbado da colecção da Biblioteca Nacional, cuja fotografia apresentei pela primeira vez, e que foi recentemente transferido para as colecções do Banco de Portugal, aliás, com todo o seu restante acervo numismático. Actualmente existem, pelo menos, quatro ou cinco dessas moedas em colecções nacionais, duas no Banco Espírito Santo, da ex-colecção Carlos Marques da Costa e outras duas na colecção do Banco de Portugal.²

Passados que são quase trinta anos desde essa memorável exposição europeia, é chegada a altura de apresentar uma visão complementar do meu texto de 1983, e de outros textos que desde então fui publicando.

2 O BdP levou a cabo em 2007 uma exposição sobre essas suas duas recentes aquisições, a que deu o título “O Português, moeda de prestígio internacional”, cuja brochura reproduz as fotografias publicadas por mim e por Alberto Gomes em 1992 no livro acima indicado, sem nunca ter sido pedida autorização para tal aos seus autores ou ao editor, e sem sequer o referir na bibliografia. E essa brochura plagia, de forma absurdamente arbitrariamente, muito do meu texto de 1983, sem também o indicar como fonte consultada.

Nesta primeira parte apresenta-se o catálogo dos “portugalösers”, portugalóides ou portugueses,³ cunhados pela cidade livre e hanseática de Hamburgo, entre 1553 e 1692, de acordo com as fontes consultadas; na segunda parte será a vez dos portugalóides de outras cidades e estados europeus, da Holanda, Dinamarca, Polónia e Lituânia; finalmente, na terceira parte voltaremos aos nossos portugueses de ouro quinhentistas e aos seus três tipos numismáticos conhecidos, dos reinados de D. Manuel I e de D. João III, para apresentar um ensaio sobre a sua datação e uma estimativa inédita das amoedações na casa da moeda de Lisboa, passo fundamental para se perceber como foi importante a sua irradiação pelos mercados orientais e do norte hanseático.

O comércio dos descobrimentos na Europa da Hansa

O tema foi estudado e tratado por ilustres investigadores da nossa História, com particular realce para o professor Vitorino Magalhães Godinho e para o professor António de Oliveira Marques, que são os autores dos textos que aqui reproduzimos, em extractos seleccionados.

A Hansa – «As relações de Portugal com a Liga Hanseática estabelecem-se sobre firmes alicerces durante o século XV, particularmente na segunda metade da centúria, intensificando-se os contactos graças sobretudo à fixação em Lisboa de uma colónia alemã onde os Nórdicos desempenham um papel de relevo. Nos séculos XV e XVI, Lisboa fora praticamente o único porto português a receber navios da Hansa, oriundos de Danzig e, mais raramente, de Bremen, de Lübeck e de Hamburgo. No século XVII, Viana do Castelo, Setúbal e o Porto representam outros portos de destino da navegação hanseática. Desde finais da centúria de Quinhentos, a posição de Danzig fora superada pela de Hamburgo, a principal cidade alemã a comerciar com Portugal durante todo o século XVII. Através da Hansa, produtos portugueses atingiram regiões bem distantes, como a Escandinávia, a Rússia ou a Europa Central.»⁴

A Liga Hanseática foi uma organização fundada por cidades do norte da Alemanha e por comunidades mercantis alemãs no exterior, para proteger os seus interesses comerciais mútuos. No centro dessa aliança (ou Hanse, em alemão) estavam as cidades de Lübeck e de Hamburgo, situadas em ambos lados da península dinamarquesa, que formaram uma aliança em 1241, à qual foram-se agregando outras cidades do mar do Norte e do Báltico, formando uma cadeia de tratos comerciais que rapidamente evoluiu para uma associação comercial monopolista e de defesa mútua, de pessoas, bens e privilégios.

³ A designação “Portugalóide” pareceu-me, desde o início, como correspondendo à tradução mais indicada do vocábulo alemão original “Portugalöser”, muito embora exista uma outra designação coeva também dada por holandeses e escandinavos, “Portugaleser”, que se poderia facilmente verter para “Portugalês-Portugaleses”.

⁴ Oliveira Marques, António H. de, “Relações com a Hansa”, entrada no Dicionário de História de Portugal, dir. por Joel Serrão, vol. II, p. 41, Lisboa, 1965

A Liga protegia as suas frotas de navios contra piratas e promoveu uma navegação mais segura, através da construção de faróis costeiros e do próprio treino de pilotos. Mas o seu objectivo era sempre o de organizar e controlar o comércio em todo o norte da Europa, ganhando privilégios e monopólios comerciais, e estabelecendo feitorias no exterior. No seu apogeu, por todo o século XIV, a Hansa congregava os interesses de cerca de 100 cidades, na sua maioria alemãs, outras fundadas pelos próprios mercadores, como Riga e Dantzig (agora Gdańsk).

O seu declínio por todo o século XVI ficou a dever-se sobretudo ao aumento do poderio dos principados e ducados alemães e polacos, à concorrência com mercadores ingleses e holandeses e, finalmente, à abertura das rotas comerciais marítimas com a América. À medida que a Hansa ia perdendo o controlo monopolista sobre os meios de transporte marítimo, a importância do comércio entre Hamburgo e Portugal cresceu e intensificou-se, sobretudo por influência dos portugueses judeus marranos (Sefarditas), imigrados para a cidade livre e hanseática desde 1590, onde contribuíram de maneira importante para a prosperidade económica de Hamburgo..

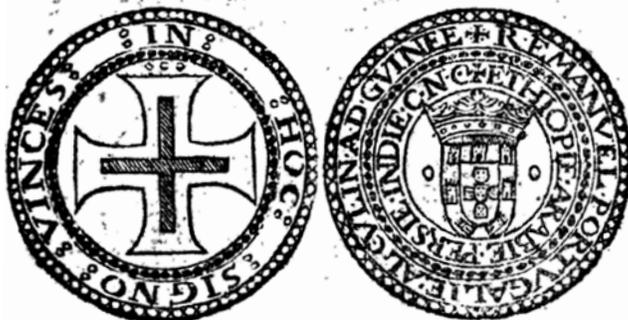
As especiarias da rota do Cabo – «Desde há séculos que a Europa setentrional e central formava a grande voragem das especiarias, e assim é ela que aspira o maior quinhão das que vêm pela rota do Cabo. Os Portugueses tinham começado por exportar para a Flandres (desde 1460) a malagueta (ou grão do paraíso) e a pimenta de rabo da África Negra ocidental (Benim). O trato das especiarias africanas terá representado um volume de tráfico sensivelmente superior ao de cada uma das especiarias asiáticas tomadas isoladamente (com excepção da pimenta). Cerca de 2.000 quintais de malagueta por ano desembarcados em Lisboa, a um preço de 11 cruzados o quintal desde 1506, valem 22.000 cruzados, a maior parte reexportada para a Flandres.»⁵

De Antuérpia a Lübeck – «Antuérpia vai ser desde o abandono da feitoria de Bruges (1498) o grande centro de acolhimento às especiarias da rota do Cabo, do açúcar e de outros produtos tropicais, e de difusão por todas as escáfulas setentrionais e do Centro europeu. É por lá que os alemães escoam o cobre e a prata das minas do Centro e Sudeste europeu.

Todos os anos, em geral, são duas as frotas portuguesas, com mais de uma centena de navios cada, que ligam Lisboa a Antuérpia: uma ancora no porto flamengo em Maio-Junho, a outra em Outubro-Dezembro. Calcula-se que cada uma transportasse, em média, cerca de 30.000 quintais de especiarias (ou cerca de 1.760 quilos), além de jóias e pérolas orientais, ouro em bruto e batido, âmbar, marfim e outras drogas. De retorno para Portugal vêm prata em bruto, azougue, vermelhão, cobre, bronze e latão em obra e em folha, estanho, chumbo, armas e armaduras, artilharia e munições de guerra.

⁵ *Godinho, Vitorino Magalhães, Os Descobrimentos Portugueses e a Economia Mundial, 2. edição, Ed. Presença, Lisboa, 1981-1983; vol. II, p. 145-157*

Den groten Cruustad vā Portugal Emanuel
 weeght een once twee inghel . ende zeuenentwintigh
 azen en half. Dats een once/ d'v penninghen
 thien greinen stijf. Doed xx. guldens/ ende
 thien stuvers.



em contrapartida da entrada de outros metais amoeáveis, de géneros indispensáveis ao abastecimento das cidades, exércitos e armadas, ou ainda material de guerra. Esta a razão por que o ouro da Guiné e da Mina se encaminha igualmente para os mercados mediterrâneos: a Sicília fornece pão, Milão as armas.»⁷

Em 1553, um agente inglês situado em Antuérpia informava que as moedas de ouro estavam escassas no mercado, porque os Alemães as levavam todas para a Alemanha. É precisamente desse ouro amoeado, português e espanhol, que se escoia para a Alemanha pela escala de Antuérpia, que por volta desse mesmo ano de 1553 vai nascer em Hamburgo uma nova moeda áurea, cunhada conforme o justo peso e valor do grande cruzado de ouro de Portugal.

Conforme o justo peso e liga da moeda de Portugal

Em meados da década de 1550, a casa da moeda da cidade livre de Hamburgo começou a cunhar uma nova moeda de ouro, imitação dos portugueses de 10 cruzados, numa curiosa mistura entre o tipo manuelino (na disposição da legenda no anverso) e o tipo joanino (nas ornamentações do reverso). Era então seu mestre moedeiro Johann van Cöln o Velho, que exercia essas funções desde 1534, tendo falecido em 1566, e cuja marca monetária (folha de azevinho com pedúnculo) aparece no início da legenda do anverso, assim se identificando os exemplares mais antigos. Sucedeu-lhe o filho, Johann van Cöln o Jovem (1566-1572), de que não se conhecem exemplares, o qual por sua vez seria sucedido por Andreas Metzner, sem dúvida o mais controverso mestre moedeiro dessa centúria e de quem voltaremos a falar na segunda parte, quando abordarmos as moedas por ele feitas na Dinamarca.

⁷ *Idem, ibid, vol. II, pp. 55 a 64 (onde se lê: «Money scarce, because the Germans take up all the gold for Germany»)*

**Preken dich 7 gouden Penninc van Hamborch
weg. xxii. ing. gelic den groten Cruylact.**



Ao lado: gravura do grande cruzado do rei Manuel de Portugal, na edição de Ordonnantie, Statuut ende Permissie... de 1548 e seguintes. **Em cima:** gravura do grande cruzado de Hamburgo, na edição de Die ongevaluweerde ghouden ende silveren munte..., de 1560, onde apareceu pela primeira vez.

A folha de ortiga holsaciana – Desde 1435 que Hamburgo tinha recebido do imperador Segismundo do Sacro Império (1368-1437) o direito a amoedar ouro, com os mesmos pesos e ligas das moedas cunhadas em nome dos príncipes eleitores ou do imperador, e com marcas próprias. Essas marcas eram as armas da cidade, o seu castelo de três torres, tendo sobre a grade levadiça da porta a folha de ortiga, que era o emblema do condado de Holsácia (Holstein, em alemão) em cujo território se situava Hamburgo.

A folha da ortiga encontra-se representada em todas as moedas antigas de Hamburgo e também nos portugalóides amoedados desde 1553 até à reforma imperial de 1572. A partir dessa data, as moedas deixaram de apresentar a folha da ortiga sobre a porta do castelo, o que desde logo permite uma datação mais aproximada das suas cunhagens.

Nach Portvgalis Schrot und Korn – Hamburgo imitou a moeda de português de tal maneira, não só no que respeita ao peso (34,9 g, ou 10 ducados, cada um talhado a 67 peças no marco de Colónia de 233,856 g. ou seja, cada ducado com 3,49 g) e ao quilate do ouro (986 milésimas, ou 23 q. 8 gr.) – daí a referência nas legendas ao SHROT UND KORN –, mas também, na disposição dos elementos gravados nas suas faces, que apenas foram mudadas as legendas e as armas, mantendo ao centro do reverso a grande cruz da Ordem Militar de Cristo. Tal como os portugueses de ouro, os portugalóides hamburgueses não apresentam a era de cunhagem, nem a sua denominação, distinguindo-se apenas pela espessura que condiciona o peso do disco cunhado, já que o seu módulo não variava: 3,8 mm para os portugalóides duplos; 1,9 mm para os simples; 0,95 mm para os meios e 0,47 mm para os quartos.

Segundo os estudos de Max von Bahrfeldt,⁸ a sua catalogação está dividida

⁸ Bahrfeldt, Max von, «Über di älterem Hamburger Portugalöser» (Sobre os mais antigos Por-

em três tipos numismáticos principais:

TIPO 1 – Portugalóide sem data, dos anos de 1553 a 1566, sendo mestre moedeiro Johann van Cöln o Velho (marca monetária, folha de azevinho com pedúnculo). Com folha de ortiga

Anv: (azevinho) MONETA * NOVA * AVREA * CIVITATIS HAMBVRGENSIS (Nova moeda de ouro da cidade de Hamburgo) // + NACH * PORTVGALIS * SCHROT * VND * KORN (Segundo o justo peso e a liga portuguesa). Ao centro, um castelo de três torres muralhadas, tendo uma pequena folha de urtiga sobre a grade levadiça.

Rev: (florão) IN * XPO * CRVCIFIXO * PENDIT * SALVS * NRA (*In Christo Crucifixo Pendit Salvatione Nostra* – De Cristo crucificado depende a nossa salvação). Ao centro, a Cruz da Ordem de Cristo, cantonada e cercada de ornamentos.

(NN invertidos no anverso; PENDIT no reverso; existem variantes de legenda)

São conhecidos 3 exemplares de: Portugalöser de 10 ducados, dia. 39,7-40 mm, pesos 35,30 a 35,60 g; Duplo Portugalöser de 20 ducados, dia. 40 mm, peso 70,30 g (no Real Gabinete de Copenhaga), peso 70,10 g (no Gabinete das Moedas do Ermitage, S. Petersburgo) e 69,75 g (no Museu de Hamburgo). Não são conhecidos meios nem quartos deste tipo inicial.

Na legenda do círculo interior do anverso, a cidade de Hamburgo dava a garantia de que as suas novas moedas de ouro tinham sido cunhadas conforme o justo peso e o quilate da liga da moeda de português, seu modelo. Por isso receberam o nome de “Portugalöser” ou “Portugaleser” (Portugalesen = Portugueses), introduzindo um novo vocábulo monetário na Europa quinhentista, que conheceu grande divulgação na Europa de Seiscentos, e perdurou até aos nossos dias.

TIPO 2 – Portugalóide sem data, dos anos de 1574 a 1577, sendo mestre moedeiro Andreas Metzner (marca monetária, lis heráldico duplo). Com folha de ortiga

Anv: (lis duplo) MONETA • NOVA • AVREA • CIVITATIS • HAMBVRGENSIS // * NACH • PORTVGALIS • SCHROT • VND • KORN. Ao centro, um castelo de três torres muralhadas, tendo uma grande folha de urtiga sobre a grade levadiça.

Rev: * IN • XPO • CRVCIFIXO • PENDET • SALVS • NRA. Ao centro, a Cruz da Ordem de Cristo, cantonada e cercada de ornamentos.

(NN direitos e PENDET no reverso)

São conhecidos 9 exemplares deste tipo: Portugalöser de 10 ducados, dia. 40 mm, pesos 35,10 a 35,70 g; um Duplo Portugalöser de 20 ducados, dia. 40 mm,

tugalösers de Hamburgo), em *Zeitschrift des Vereins für Hamburgische Geschichte*, vol.19, Hamburgo, 1917, pp. 1-36. Por sua vez, este numismata alemão baseou-se na obra fundamental sobre as moedas e medalhas de Hamburgo, publicada entre 1850 e 1876 por Gaechens.

peso 70,33 g (no Museu de Hamburgo); e ¼ Portugalöser, dia. 39,5 mm, peso 8,76 g.

**TIPO 3 – Portugalóide sem data, dos anos de 1578 a 1582, sendo mestre moedeiro Andreas Metzner (sem marca monetária).
Sem folha de ortiga**

Anv: (roseta) MONETA • NOVA • AVREA • CIVITATIS * HAMBVRGENSIS • //
• NACH • PORTVGALIS • SCHROT • VND • KORN. Ao centro, um castelo de três torres muralhadas, sem folha de urtiga sobre a grade levadiça.

Rev: (florão) IN * XPO * CRVCIFIXO * PENDIT * SALVS * NRA. Ao centro, a Cruz da Ordem de Cristo, cantonada e cercada de ornamentos.

(NN direitos e duas variantes: XPO - PENDIT ou XRO - PENDET no reverso)

São conhecidos 24 exemplares destas duas variantes, de vários pesos: Portugalöser de 10 ducados, dia. 40 mm, peso 35,00 g; ½ Portugalöser de 5 ducados, dia. 40 mm, pesos 17,40 a 17,64 g; ¼ Portugalöser de 2,5 ducados, dia. 40 mm, pesos 8,65 a 8,80 g.

Não se sabe ao certo quando foram cunhados os primeiros portugalóides em Hamburgo, mas tudo indica que terá sido cerca de 1553, uma data que é hoje aceite pelos historiadores, logo no início da carreira do mestre moedeiro Johann van Cöln o Velho. A mais antiga referência aparece na contabilidade municipal em 1562, onde é mencionado um «*Avrvm Nvmmvm Portvgalensvm*», ou seja, uma moeda de ouro de portugueses.⁹ No entanto, Bahrfeldt reparou numa gravura publicada em 1560 numa edição holandesa de uma ordenação sobre moedas de ouro e de prata, cujo desenho correspondia ao seu tipo nr. 1, pelo que a sua criação terá tido lugar antes dessa data.

A sua amoedação deve ter sido abundante, porque as vemos ilustradas em sucessivas edições de ordenações e instruções para os cambistas das praças de Amesterdão e de Antuérpia, até ao ano de 1633, onde eram designadas por “grandes cruzados de Hamburgo”, tal como os portugueses de ouro eram os “grandes cruzados de Portugal”, catalogados com o mesmo peso.

O édito Imperial de 1572 - Foram moedas muito populares por todo o Norte europeu, utilizadas como «moeda corrente para o comércio marítimo» dos mercadores hanseáticos, ou para pagamentos avultados, e também como presentes em ocasiões especiais. Com a introdução da regulamentação imperial sobre as cunhagens de ouro e de prata, de 1572, a cidade de Hamburgo por diversas vezes foi chamada à atenção pelos inspectores estatais, de que as cunhagens de portugueses não obedeciam à regulamentação emanada do Sacro Império Romano-Germânico, acabando a sua produção por ser proibida em 1577, por decreto imperial, que Hamburgo não acatou.

⁹ Gaechens, *Hamburgische Münzen und Medaillen*, 3 volumes, Hamburgo, 1850-1876; vol. II, pág. 213.

O registo das cunhagens municipais divulgado por Bahrsfeldt indica que moedas de portugaleser foram cunhadas em 1574 e 1577, mas veio a saber-se que também o foram em 1578, e em grande quantidade, por iniciativa particular do mestre moedeiro Andreas Metzner, de tal sorte que em 1582 a cidade terminou com o seu contrato.

No final do século XVII perderam o valor de moeda e passaram a ter apenas um valor simbólico, como medalha comemorativa, mantendo o valor de 10 ducados (meios e quartos) em sucessivas emissões até aos nossos dias.

De moedas a medalhas evocativas: o nascimento de uma lenda

Com a fundação em 1619 do Banco de Hamburgo, que foi o primeiro banco público do Sacro Império Romano-Germânico, criado como banco de depósito de moedas de ouro e de prata, na esteira das actividades do Banco de Amesterdão de 1609, a amoedação municipal passaria mais tarde também para a sua responsabilidade, dando origem desde 1653 à cunhagem de medalhas de ouro com o peso de dez ducados, da autoria de reconhecidos artistas, mas sem valor monetário, que receberam o nome de “Bank-Portugaleser”.

Como característica particular destas peças, além das marcas monetárias do gravador, levavam também as iniciais do presidente do Banco, que supervisionava a cunhagem e assim garantia o peso e o toque das medalhas.

TIPO 4 – Portugalóide do Banco, 1689. Várias datas e tipos, desde 1653. Gravador Johann Reteke. Sem a cruz de Cristo

Av.: SUB UMBRA ALARUM TUARUM (*Protege nos Domine*) (Protege-nos Senhor à sombra das Tuas asas). Ao centro, uma vista da cidade e do porto, tendo na parte superior a palavra “JEOVÁ” em hebraico, entre nuvens raiadas; e no exergo, uma cartela com “Hamburgo” entre ornatos, ladeada pelas iniciais I – R (do gravador Johann Reteke, 1664-1720).

Rev.: BANCHORUM IN EUROPA BONO CUM DEO ERECTORUM MEMORIA • M • DC • LXXXIX : (Lembrança dos bancos erigidos por graça de Deus na Europa 1689). Ao centro, os brasões ovalados em cartelas barrocas muito ornamentadas, dos bancos de Veneza (em cima), Amesterdão (à esquerda), Hamburgo (à direita) e Nuremberg (em baixo), tendo sob este as iniciais H – B – M (do presidente do banco, Hinrich Burmester).

Bank-Portugaleser de 10 ducados, dia. 50,3 mm, peso 34,85 g (exemplar de 1689). O exemplar do Banco de Portugal é datado de 1665 (dia. 50 mm, peso 34,72 g)

Por mais de duzentos anos, até 1841, estas cunhagens evocativas emitidas pelo Banco de Hamburgo sucederam-se a um ritmo anual, formando actualmente uma impressionante série de medalhas de ouro, que esteve na origem da tradição hamburguesa de premiar os seus cidadãos mais ilustres com “portugalesers”.

No mesmo período da segunda metade do século XVII apareceram também

outras medalhas evocativas de 10 ducados, semelhantes às do Banco de Hamburgo, sem a cruz de Cristo, mandadas cunhar por várias instituições da cidade, como o Colégio do Almirantado, criado em 1623 para autoridade marítima do porto (“Admiralitäts-Portugaleser”, de 1675), da Deputação Comercial (Commerz-Portugaleser) e das Companhias de Seguros (“Assekuranz-Portugaleser”), cujas emissões se prolongaram por todo o século XVII.

A Virgem Padroeira de Hamburgo e a cruz de Cristo - A cruz de Portugal regressou às cunhagens dos portugalóides-medalhas com a introdução de um tipo alusivo à Padroeira da cidade, Nossa Senhora com o menino, de pé sobre um crescente. A figura da “Madonna com a criança” aparece nas cunhagens de Hamburgo desde 1553, em talers de prata, tendo no anverso o braço da cidade, pelo que a sua associação à cruz de Portugal, em portugalóides de ouro, é um feito remarcável. Tal como nas restantes emissões, a sua datação só é possível pela marca dos mestres gravadores e abridores de cunho, que figura por baixo da imagem da Virgem, existindo dois períodos distintos; de 1635 a 1668, marca M – F entre cruzeta (gravador Mathias Freunde) e de 1673 a 1692, marca H.L. (gravador Hermann Lüders)

No reverso manteve-se a cruz da Ordem Militar de Cristo, como emblema por todos reconhecido e admirado. Note-se o excelente recorte da cruz, sem ornatos nos braços e em campo liso, tal como aparecia nos portugueses de D. Manuel I.

TIPO 5 – Portugalóide sem data, dos anos de 1635 a 1692.

Com a Virgem e o Menino. Gravador Hermann Lüders.

Com a cruz de Cristo

Anv.: FIAT MIHI SECUN – DUM VERBUM TUUM (Faça-se em Mim segundo a Tua palavra). Ao centro, dentro de cercadura ornamentada, cortando a legenda superiormente, a Virgem coroada, com o menino ao colo, empunhando o ceptro e o globo, de pé e sentada num globo com as armas da cidade de Hamburgo, rodeadas em baixo por um crescente, tendo as iniciais HL ao lado (gravador Hermann Lüders, 1673-1692).

Rev.: IN CHRISTO CRUCIFIXO PENDET SALUS NOSTRA (De Cristo crucificado depende a nossa salvação). Ao centro, a Cruz da Ordem de Cristo, em campo liso, cercada de ornamentos vegetais.

São conhecidos: Portugalöser de 10 ducados de 1675; ½ Portugalöser de 5 ducados, dia. 37 mm, peso 16,5 g; e ¼ Portugalöser de 2,5 ducados, dia. 38 mm, peso 8,68 g

“Obrigado Cidadãos Portugaleser” – a medalha de honra de Hamburgo

O vocábulo “Portugaleser-Portugalöser” continua na actualidade a designar as medalhas evocativas que são cunhadas em honra de personalidades, ilustres visitantes ou de acontecimentos e datas históricas de Hamburgo.

Aproveitando esta tão antiga como honrosa tradição, a Associação Luso-Hanseática, representativa dos trabalhadores portugueses em Hamburgo, instituiu o prémio “Portugaleser”, uma medalha de distinção para as personalidades que se evidenciaram em prol da comunidade portuguesa na Alemanha.

Outra distinção existe actualmente que leva o mesmo nome, a medalha honorífica “Obrigado Cidadãos Portugaleser”, instituída em 1986 pelo Comité Central dos Clubes de Cidadãos de Hamburgo e anualmente distribuída às pessoas que se distinguiram nos campos do serviço público, ou das artes, ciências, dos negócios e da comunicação social.

É com um simbólico “Obrigado Portugaleser” que Hamburgo continua uma tradição com mais de 400 anos, honrando a memória do nome dessa famosa moeda de ouro, um nome e uma memória que repousam nas virtudes e na bondade dos portugueses de ouro de D. Manuel I de Portugal.

Bibliografia - Parte I

BAHRFELDT, Max, «Über di alterem Hamburger Portugalöser» (Sobre os mais antigos portugalösers de Hamburgo), em *Zeitschrift des Vereins für Hamburgische, Geschichte*, (19), Hamburgo, 1917 (versão digital)

Carte ou liste contenant le prix de chacun Marcq, Once, Estrelin & As, de toutes les especes d’or et d’argent ...(Carta ou lista com o preço de cada marco, onça, estrellino ou as, de todas as espécies de moedas de ouro e de prata), Anvers, na oficina de Hieronime Verdussen, edição de 1627 (versão digital)

GAECHENS, O. C. F., ***Hamburgische Münzen und Medaillen***, 3 volumes, Hamburgo, 1850-1876; vol. II (pp. 193 - 28); vol. III, pp.10, 15 e 84 (versão digital)

GODINHO, Vitorino Magalhães, ***Os Descobrimentos Portugueses e a Economia Mundial***, 2. edição, vol. I a IV, Ed. Presença, Lisboa, 1981-1983

Die ongevalu weerde ghouden ende silveren munte van diverschen Coninckrijcken... (Valor das Moedas de ouro e de prata de diversas cidades, países e oficinas monetárias), Amesterdão, oficina de Jan Ewoutzoon, edições de 1559, 1560, 1565 e 1568.

Ordonnancie Ende Instructie Voor de Wisselaers... (Ordenança e Instrução para os cambistas de moedas), Antuérpia, oficina de Hierónimus Verdussen, edição de 1663.

Ordonnantie provisionnael ons heeren des Coniner opt stuck ende tolerantie vanden prijs ende loop vanden gouden ende silveren munte... (Ordenança provisória sobre o curso e a tolerância das moedas de ouro e de prata), Antuérpia, na oficina de Guilhem van Parijs, gravuras de Christofell Plantin, edição de 1575.

Ordonnantie, Statuut ende Permissie der Keyzerlicker M. van den gouden ende silveren penninghen..., (Ordenança, Estatutos e Licença de Sua Magestade Imperial para que as espécies de ouro e de prata tenham curso neste país), Gent, oficina de Joos Lambrecht, edições de 1548, 1555 ; Amesterdão , oficina de Jan Ewoutzoon, 1557

TRIGUEIROS, António Miguel, ***Moeda dos Descobrimentos, Prestígio de Portugal no Mundo***, comunicação apresentada no Congresso Internacional “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento”, ed. de autor, Lisboa, 1983

TRIGUEIROS, António Miguel, ***Numismática e Medalhística***, separata dos catálogos da 17.ª Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, ed. de autor, Lisboa, 1984

TRIGUEIROS, António Miguel, e GOMES, Alberto, ***Moedas Portuguesas na época dos Descobrimentos 1385 - 1580***, ed. Alberto Gomes, Lisboa, 1992



A Europa da Hansa no século XV (em cima) e as principais rotas marítimas dos mercadores hanseáticos (em baixo)



Moeda comemorativa alemã (2006) dos 650 anos dos Estados hanseáticos



Amoedações de Portugalóides de Hamburgo, 1553 - 1578



Tipo 1



1553 - 1566

Tipo 2

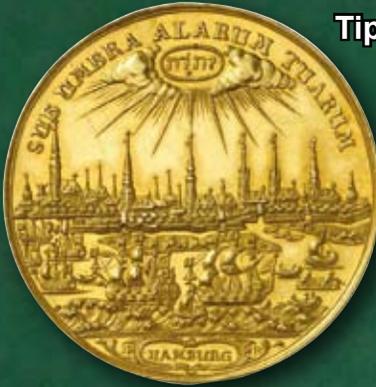


1573 - 1577

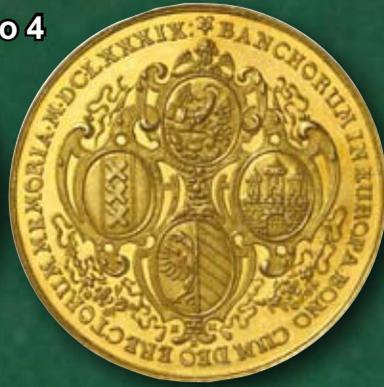
Tipo 3



1578 - 1582



Tipo 4



1689



Tipo 5



1635 - 1692



Almirantado



1675



Medalhas de Portugaleser de Hamburgo século XVIII



1/2 Portugaleser de 1719, do Jubileu do banco de Hamburgo



1/2 Portugaleser de 1748, centenário do Tratado de Westefália



1/2 Portugaleser de 1751, Tratado de Paz com Argel



1/2 Portugaleser de 1803, Companhia de Seguros